

Agradeço a todos a presença neste ato que marca, simbolicamente, o início de um novo ciclo académico. Um novo ciclo pressupõe e vive de renovação e de sangue novo. É assim natural que me mereçam especial destaque os estudantes que se juntam a nós pela primeira vez, as alunas e os alunos que privilegiaram a Universidade de Aveiro com a sua preferência no momento em que ingressaram no Ensino Superior. Para eles vai um cumprimento afetuoso e uma palavra sobre o firme compromisso de contribuirmos para que o seu percurso, entre nós, seja de profícua aprendizagem, de sucesso e de bem-estar: na sua qualificação enquanto futuros profissionais, mas, igualmente, na sua evolução enquanto cidadãos. Formar e educar novas gerações, eis a mais nobre das missões da Universidade.

Foi um bom ano para o Ensino Superior no que diz respeito aos resultados do Concurso Nacional de Acesso, com mais candidatos que vagas pela primeira vez de há uns anos a esta parte. Foi, portanto, um bom ano para Portugal que precisa de qualificar mais pessoas. Não estamos, ainda, na média europeia em termos da percentagem de licenciados e o fator de convergência é, por enquanto, insuficiente para lá chegarmos. Apesar do clima positivo que este ano se fez sentir, persistem duas nuvens escuras no horizonte.

Uma primeira é que o número de alunos que terminam o ensino secundário na vertente técnico-profissional e prosseguem estudos superiores continua a ser muito baixo: apenas cerca de 15% pelos dados de 2015/16, quando a percentagem homóloga nos cursos científico-humanísticos é de 80. A situação não parece ter-se alterado nos anos subsequentes, representando aqueles alunos quase metade do total que termina o ensino obrigatório. Percebemos que é, sobremaneira, por aqui que devemos trabalhar se quisermos – e penso que queremos todos – alcançar mais depressa as metas e números europeus e dar aos portugueses a qualificação que eles merecem e que o país precisa que eles tenham.

A outra nuvem aparece quando comparamos o número de candidatos de cada distrito com o número de candidatos que escolhem uma qualquer instituição de ensino superior desse distrito. Torna-se então evidente que, salvo poucas exceções, há uma migração de jovens para zonas populacionais mais densas, com incidência significativa na zona da Grande Lisboa. Sabemos que muitos desses jovens nunca mais regressam para viver e trabalhar no sítio de origem. Ou seja, o momento de acesso ao ensino superior funciona, também, como elemento de perda de talento para a maior parte das regiões. Tendo presente a influência do conhecimento e da qualificação das pessoas no desenvolvimento, aquele facto deve suscitar-nos a devida reflexão, quando equacionamos a coesão do todo nacional e a necessidade de um crescimento equilibrado e harmonioso das várias partes que o constituem.

Foi, naturalmente, um bom ano para a UA com um total de vagas preenchidas de 98.2% na primeira fase, todos os cursos incluídos; e de 99.9% depois de decorrida a segunda fase. Foi um ano histórico para a Universidade de Aveiro. Muitos fatores externos e internos contribuíram para tal resultado.

Queria neste ponto salientar a gestão interna dos *numeri clausi* que fizemos, permitindo uma alocação mais inteligente de vagas a cursos com maior atratividade; e, também, saudar o trabalho persistente, de valor inestimável, dos Serviços de Comunicação, Imagem e Relações Públicas, SCIRP, em variadíssimas frentes: ida a feiras e escolas, divulgação dos cursos e promoção *online* da UA, organização de eventos no *Campus*, trabalho cuidadoso com a comunicação social, etc., etc..

Cumpre, ainda, realçar a atuação da Fábrica - Centro de Ciência Viva na relação com as comunidades educativas e com a população em geral, quer nas atividades levadas a cabo no edifício-sede, quer através das exposições e shows itinerantes ou no trabalho com colegas do ensino básico e secundário: é uma ação muito intensa de promoção da compreensão pública da ciência, do gosto em aprender e conhecer mais, da necessidade de continuar a estudar. Iniciativas como a Academia de Verão ou outras de geometria variável e descentralizadas, como as levadas a bom termo por Diretores de Departamentos e Escolas, devem, de igual maneira, ser assinaladas e felicitadas.

A iniciativa *open campus*, que em boa hora se pôs de pé, é para continuar: porque aquando da escolha é determinante, para cada um, conhecer o lugar físico e o ambiente humano em que se vai desenvolver o seu futuro próximo. Nesse sentido, é fundamental aprofundar o trabalho múltiplo de relacionamento com escolas, ao nível de cada Unidade Orgânica, permitindo visitas a laboratórios e demais espaços de aprendizagem, que dêem a conhecer a UA, o que cá se faz, quem somos e como nos relacionamos com os outros; e que, ao mesmo tempo, desperte a curiosidade dos jovens, afine as suas vocações, lhes abra 'novos mundos' e dê asas aos sonhos que existem em cada um deles.

A atratividade é, repito, uma grandeza dependente de um conjunto complexo de muitas variáveis; mas a opção individual resulta sempre de um compromisso entre a dimensão do imaginário e o conhecimento de realidades onde ele se possa concretizar. É, por isso, que é tão importante esse contacto real dos futuros candidatos ao Ensino Superior com os nossos edifícios, a nossa gente, a nossa cultura. Os dados dos inquéritos que os caloiros nos cedem no ato da sua inscrição vão-nos permitir fazer cada vez melhor, a favor desse tão necessário aumento da quantidade de jovens portugueses que prosseguem estudos superiores.

A atratividade da UA e a retoma da procura ficaram sublinhadas, também, pelos números dos inscritos em mestrado que representam já, antes de concluída a terceira fase, um acréscimo de 24% relativamente ao ano letivo transato; ou, de modo mais vincado, na frente estudantes internacionais em que o trabalho feito – a nível interno e, também, em parceria com as outras Universidades e com atores públicos diversos – resultou num adicional de matrículas, face a 2016, de 73%.

Tenho insistido na importância dos alunos estrangeiros na nossa casa, em particular aqueles que se deslocam para aqui obterem o seu diploma. Não tanto pela tão empolada razão da sustentabilidade; mais pelo efeito multiplicador e de embaixadores da UA e do país que eles no futuro não deixarão de assumir; mas, sobretudo, pelo ambiente cosmopolita e de pluralidade cultural e linguística que eles ajudam a construir. Um contexto de que todos beneficiam, portugueses e jovens de outras origens que a UA foi capaz de atrair. A apropriação de competências, comportamentais e outras, que, assim, propiciamos a todos, tem um valor inestimável nos dias de hoje, no mundo de hoje, crescentemente aberto, diverso e global.

Outrossim, foi notável o aumento de alunos excepcionais que conseguimos trazer até nós: pela primeira vez mais de 6% do total dos novos estudantes apresentaram notas de entrada iguais ou superiores a 175 pontos – um aumento que supera 50% num só ano.

É a excelência desses jovens que hoje, muito adequadamente, se enaltece aqui. Saúdo-vos de um modo efusivo, bem como aos vossos familiares, professores e responsáveis das Escolas onde antes estudavam. Saudação que faço extensiva a todos os outros estudantes que, pelo seu mérito, também receberão bolsas e reconhecimento durante esta cerimónia.

O talento é o mais importante dos tesouros e é a qualidade dos alunos que por elas passam que, inegavelmente, vai cimentando o valor das instituições universitárias. O programa das bolsas aos melhores caloiros teve, acredita-se, um impacto significativo nas escolhas, em primeira opção, da UA enquanto instituição para estudar. Como terão tido as iniciativas, neste âmbito, de Diretores de Unidades Orgânicas e a receptividade de muitas empresas e entidades amigas que partilham connosco o entendimento da missão universitária e a importância de premiar os melhores. A todos o meu obrigado, também por nos terem dado o gosto da vossa presença.

Uma nota ainda – a quatro dias da gala do desporto – para os resultados desportivos alcançados no ano que passou: o segundo lugar coletivo a nível nacional, a presença numa final dos campeonatos europeus, várias atletas nas Universíadas. O desporto pode ser, também, um fator de atratividade das instituições e é, sem dúvida, um elemento valorizador na educação de cada um. As bolsas de mérito desportivo que se lançaram e o trabalho conjunto e continuado desenvolvido com a Associação Académica - AAUAv terão sido determinantes neste êxito.

Igual conjugação de esforços foi decisiva para trazermos as festividades de integração dos novos estudantes para o *Campus*. Os primeiros indicadores, relativos ao grande aumento verificado na adesão ao arraial académico, evidenciam que a medida agradou aos estudantes. Mais sentido de pertença, maior identificação dos estudantes com a sua casa-mãe são objetivos que pretendemos alcançar. Sentimentos que são essenciais para a consolidação desse ambiente humano que se vive entre nós e de que, particularmente, nos orgulhamos. Sempre em ligação estreita com as nossas cidades – Aveiro, Águeda e Oliveira de Azeméis –, com a nossa região, e com o que ela comporta: todas essenciais na consolidação do projeto, dos valores e da atratividade da UA.

Por uma coincidência, feliz, terminou hoje a visita da Comissão Externa para a Certificação do Sistema Interno de Garantia de Qualidade. É um processo muito importante para o cabal desempenho da missão da UA, no seu todo, com um reflexo muito especial no sistema educativo, e na redução da carga burocrática associada à acreditação e avaliação dos cursos. Mobilizou muita gente, internamente, e alguns parceiros externos. A todos estamos reconhecidos porque o labor realizado, sob a liderança do Vice-Reitor José Alberto Rafael, constituiu um serviço de grande valia que a UA lhes fica a dever. Esta coincidência, que quero interpretar na sua vertente simbólica, só pode significar um bom augúrio para o novo ano que agora se desenrola diante de nós.

Tenho dedicado cada abertura do ano a um aspeto específico da missão da universidade. Este ano resolvi dedicá-la a um tema mais sistémico: o governo ou a governança, como quiserem, das universidades. Em particular, o modelo fundacional a que aderimos, em 2009, e que já conta, agora, com cinco universidades que optaram por este estatuto. É fundamental restabelecer esse modelo, desde logo, na sua matriz original, aquela com que o então Ministro Mariano Gago o concebeu; e, quiçá, aprofundá-lo para que ela possa permitir às universidades desempenhar melhor as suas atribuições. Para tal - sem descurar o seu carácter público, a sua responsabilidade e a adequada prestação de contas -, as universidades precisam de maior autonomia, de melhores ferramentas de gestão, de mais flexibilidade na relação com a sociedade que integram e que devem servir.

O país não pode permitir-se continuar nesta lógica de "*stop and go*", onde as políticas públicas andam ao sabor de ventos e marés, consoante as mudanças partidárias que se vão verificando. Para a tão importante, quanto árdua, tarefa de nos fazer compreender o que está em causa nesta matéria, não podíamos ter encontrado pessoa mais competente e apropriada que o Professor António Correia de Campos, Presidente do nosso Conselho de Curadores. Sei, Senhor Professor, que, rigoroso como gosta de ser, esta minha incumbência lhe trouxe algum desassossego acrescentado, lá na Nova Escócia que, aprendi, é como gosta de chamar à sua Sintra. A minha penitência! Foi, todavia, por uma boa causa. Bem-haja! Um bom ano letivo 2017/18 para todos.